

Pesquisa mostra que miséria caiu 27,7% no primeiro mandato de Lula

Percentual supera o recuo registrado em todo o governo FHC

NILSON BRANDÃO JUNIOR

DA AGÊNCIA ESTADO

A miséria no País caiu 27,7% no primeiro mandato do Governo Lula, percentual que supera o recuo de 24,3% registrado em todo o governo Fernando Henrique. Os dados são de levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Apenas em 2006, 5,9 milhões de pessoas deixaram de ser miseráveis, redução de 15% ante 2006, a maior desde 1987.

O estudo também conclui que, desde 1982, as políticas de renda no País acompanham o calendário eleitoral: favorecem a população no ano da campanha e penalizam no seguinte. A fatia da população que vive em situação de miséria, que era de 35,16% em 1992, recuou dos 22,77% em 2005 para 19,31% no ano passado.

O cálculo da redução da desigualdade na era FHC levou em conta o período de 1993 a 2002, apesar de ter sido eleito em 1994, porque não houve Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad) neste ano e porque Fernando Henrique foi o mentor do Plano Real. O levantamento considera em miséria os que vivem com renda per capita familiar inferior a R\$ 125,00 ao mês, que, em 2006, somavam 36 milhões de pessoas em todo o País.

Na avaliação do coordenador do trabalho, Marcelo Neri, o início do Real e o ano de 2006 são marcos na redução da miséria

País é 12º em ranking de desigualdade

A desigualdade no País caiu entre 2001 e 2006 depois de vir no mesmo patamar praticamente desde a década de 1970. Com isso, o Brasil deixou de ser o terceiro País mais desigual do planeta no início da década, para ser o 12º, segundo o Banco Mundial. Nesse mesmo período, a renda domiciliar per capita dos 10% mais pobres cresceu 57,47%, quase oito vezes e meia o crescimento de 6,84% da renda dos 10% mais ricos da população, segundo informações de levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgado ontem.

no País. "Os dois (Fernando Henrique e Lula) vão ficar para a história como redutores da pobreza", comenta o economista, citando que parte dos ganhos atuais é possível a partir da estabilização da economia e investimentos em educação na década passada. Os dados mostram que a queda da miséria no primeiro mandato de FHC (1993 a 1998) foi de 23% e de 1,7% no segundo (de 1998 a 2002).

BOLSA FAMÍLIA. O levantamento também revela que nos anos eleitorais a pobreza caiu, em média, 7,6%, e subiu 3,7% no ano seguinte. "No Brasil, isso evoluiu em sintonia com o ca-

Marcelo Neri, coordenador do trabalho, explica que o Brasil é "muito desigual" ainda e justamente por isso tem espaço para avançar. "Podemos gerar um crescimento pró-pobreza que ninguém mais pode gerar. O Brasil está melhorando", afirma ele.

A miséria metropolitana chegou a 14% em 2006, menor patamar desde o início dos anos 1990. Com a crise nestas regiões na segunda metade da década passada, o grau de miséria chegou a atingir 21,2% da população em 2003 e recuou para o patamar do ano passado. Embora mais alta, a miséria da área rural vem caindo progressivamente desde o início da década passada. Passou de 63,67% em 1997 para 40,96% no ano passado.

lendário eleitoral. Entregam-se boas notícias antes das eleições", diz ele.

Neri cita que o Plano Real foi a boa notícia de 1994, assim como o reajuste de 16% do salário mínimo e a expansão do Bolsa Família foram os dados favoráveis de 2006. "Há uma evidência clara, não é de Lula ou Fernando Henrique, mas de todos na nova democracia brasileira", afirma. Ainda assim, o especialista destaca que a queda da miséria tem sido continuada e que isso é uma vitória.

Na avaliação de Neri, este ano deverá ser tão bom quanto o ano passado e isso quebraria a tradição de "más notícias" de-

pois de anos de disputa eleitoral. Ele projeta, por exemplo, que a geração de vagas formais poderá superar a de 2004 (2,7 milhões), o que faria o estoque de vagas abertas entre 2004 e 2007 cravar 10 milhões – total projetado na candidatura Lula para os quatro anos do primeiro mandato.

Os principais motivos para redução da miséria no País têm sido, além da melhoria do mercado de trabalho, programas sociais como o Bolsa Família e os ganhos reais dos salários mínimos. Neri defende a expansão do Bolsa Família, que ele chama de um "Bolsa Escola 2.0" (programa do Governo FHC), mas critica o uso do salário mínimo como indutor da redução de desigualdades. Segundo Neri, cada R\$ 1,00 gasto com o Bolsa Família reduz a pobreza duas vezes e meia mais do que cada R\$ 1,00 de reajuste no salário mínimo. Além disso, cita o problema previdenciário, agravado com os aumentos reais elevados do salário mínimo.

METAS DA ONU. Os dados do levantamento também revelam que a pobreza extrema caiu 60% entre 1993 e 2006, mais rápido do que o exigido as Metas do Milênio. A pobreza extrema inclui os que vivem com menos do que o equivalente a US\$ 1 por dia. A meta, uma das mais difundidas da Organização das Nações Unidas (ONU), previa redução à metade da pobreza extrema em 25 anos – o Brasil alcançou o objetivo entre 1992 e 2005. Neste período, a miséria extrema encolheu de 11,31% para 4,69%. "Esse é um momento histórico para o Brasil", afirma o economista.